

# Natura apóia relatório nos moldes do GRI

*Como incentivadora do modelo de relatório internacional, a Natura ajuda na propagação da transparência das informações econômicas, ambientais e sociais das empresas.*

**D**esenvolver e disseminar comunicação transparente sobre os impactos econômicos, sociais e ambientais das atividades empresariais tem sido a meta da Global Reporting Initiative (GRI) – [www.globalreporting.org](http://www.globalreporting.org) – na difusão de um modelo diferenciado de relatório anual. Essa organização internacional tem entre seus membros de difusores e financiadores (Structured Feedback Group) 30 corporações internacionais que fazem parte do fórum, como ABB, Canon, Ford, Heineken, McDonald's, Nike e Shell, entre 144 empresas e ONGs em 30 países que apóiam o relatório. A Natura é a única empresa brasileira a figurar no patamar dos *stakeholders* organizacionais e também a primeira empresa brasileira a adotar os princípios do GRI em seus relatórios. No mundo, 600 empresas publicam balanços baseados nos moldes do GRI. Dessas, apenas 70 reportam integralmente os 89 indicadores, incluindo a Natura. No Brasil, Petrobrás e Souza Cruz estão utilizando parcialmente esses cri-

FOTO: DIVULGAÇÃO



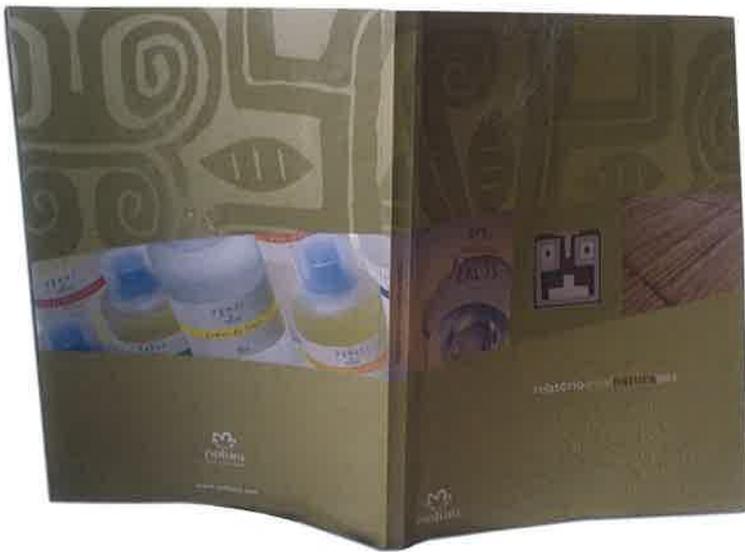
**Guttilla: mensuração de indicadores exige sistema de gestão formalizado.**

térios em seus relatórios e também a CPFL e o Banco Real ABN Amro mostraram-se interessados.

A instituição internacional recomenda a adoção de vários indicadores distribuídos em Desempenho Econômico Direto (receita, custos, folha de pagamentos, aferição dos lucros, distribuição a acionistas, impostos, subsídios, doações, infra-estrutura) e Indireto (geração de riquezas para funcionários, colaboradores, acionistas e governo); Ambiental (consumo de materiais, emissão de resíduos, consumo de energia, uso da água, biodiversidade, reciclagem e

logística); e Social (práticas de trabalho decente, geração de empregos, relações trabalhistas, segurança do trabalho, prevenção e saúde, programas de educação, igualdade de oportunidades, diversidade, direitos humanos e discriminação, impacto nas comunidades de entorno, contribuições políticas, competição e preço, responsabilidade sobre produtos e serviços, ética publicitária e reclamações de consumidores).

Para Rodolfo Witzig Guttilla, diretor de assuntos corporativos da Natura, o que diferencia o modelo do GRI dos demais é a transparência das informações, servindo como mapa de navegação que promove um alinhamento dos resultados e das metas econômico-financeiras, ambientais e sociais das organizações. “Não se trata apenas de um relatório anual, mas de uma peça de comunicação que pode se transformar num valioso instrumento de gestão”, diz ele. Em 2001, a Natura adotou pela primeira vez dois relatórios do exercício de 2000, sendo um baseado nos princípios do GRI e outro com base nos índices da



**Relatório Anual Natura 2003: adoção integral do modelo do GRI.**

Associação Brasileira dos Analistas do Mercado de Capitais (Abamec). O relatório atual utiliza os modelos do GRI e do Instituto Ethos, para relatar indicadores de desempenho social e ambiental, e os da Associação dos Analistas e Profissionais de Investimento do Mercado de Capitais (Apimec) e Associação Brasileira das Companhias Abertas (Abrasca), para apresentar os resultados dos negócios. Em 2003, a Natura teve receita bruta de R\$ 1,9 bilhão, num crescimento nominal de 35,4%. O lucro líquido alcançou o recorde de R\$ 63,9 milhões, ou seja, 193,8% acima dos R\$ 21,7 milhões obtidos em 2002. A performance é creditada à maior eficácia nas ações de comunicação e marketing, ao lançamento de produtos inovadores e ao crescimento do número e da produtividade das consultoras Natura.

Uma das principais motivações para as empresas utilizarem o modelo do GRI é a possibilidade de comparação

entre companhias do mesmo setor. A Natura adotou esse critério de relatório antes de abrir seu capital em Bolsa de Valores, gerando visibilidade para seus indicadores. Hoje, a Natura é uma das três empresas do Novo Mercado, segmento destinado à negociação de ações emitidas por empresas comprometidas com as práticas de governança corporativa e *disclosure* (maior transparência), adicionais em relação ao que é exigido pela legislação. “Para adotar o modelo do GRI, as empresas precisam ter ciência de seus processos estruturais. Se o sistema de gestão não estiver formalizado, não conseguirão medir os indicadores solicitados”, alerta Guttilla. No caso da Natura, há mais de 50 profissionais envolvidos na coleta de dados, processo que leva nove meses para ser concluído.

Ao encampar o modelo do GRI, a Natura teve a oportunidade de tratar internamente várias questões que passaram a ser fonte de questionamento,

criando um ritual de gestão e a formação de um Comitê de Sustentabilidade para formatar os indicadores. Um dos muitos benefícios dessa iniciativa ao longo dos quatro anos do relatório baseado no GRI foi o reuso da água, reduzindo seu consumo. Mesmo com crescimento na produção de 26,8%, o uso foi 4,5% inferior ao de 2002, ano em que passou a reutilizar a água tratada em alguns processos internos, como lavagem de ruas e irrigação. Em 2003, reutilizou 29% da água tratada na empresa, enquanto no exercício anterior, esse índice era de 16%. “Sob o ponto de vista institucional, a Natura é reconhecida por sua preocupação com os impactos econômicos, ambientais e sociais pelos seus diversos públicos, mostrando compromisso, fragilidades e diferenciais. Hoje, a imagem da empresa está mais alinhada e seu *share* de lembrança, mais homogêneo”, relata Guttilla. 

